Os Reinos Ibéricos na Idade Média

Livro de Homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno

Coordenação de

Luís Adão da Fonseca
Luís Carlos Amaral
Maria Fernanda Ferreira Santos

Vol. II

editora Civilização

FICHA TÉCNICA

Obra publicada ao abrigo do Protocolo de Colaboração entre a Faculdade de Letras
da Universidade do Porto e a Livraria Civilização

Copyright © 2003 Livraria Civilização Editora

Todos os direitos reservados
1.ª edição / Setembro 2003

Fotocomposição e paginação electrónica,
impressão e acabamentos efectuados na
Companhia Editora do Minho, S. A. – Barcelos,
para Livraria Civilização Editora no mês de Maio de 2003

Depósito Legal n.º 196233/03

ISBN da colecção: 972-26-2060-6
ISBN do Vol. II: 972-26-2135-1

Livraria Civilização Editora
R. Alberto Aires de Gouveia, 27
4050-023 Porto

civil@mail.telepac.pt

Ilustração da Capa: conjunto de escudos de armas do Livro do Armeiro-Mor
(séc. XVI), IAN/TT, Lisboa

Tendo em conta a grande diversidade de normas de citação
bibliográfica utilizadas pelos autores nacionais e estrangeiros, e
apesar dos esforços do grupo de coordenação no sentido de promover
a uniformização das mesmas, foi decidido respeitar-se
integralmente as opções tomadas pelos autores.
Os coordenadores aproveitam, também, para agradecer toda a generosa
colaboração dada pelas Dras. Maria Idalina Azeredo Rodrigues e
Maria Ondina do Carmo, funcionárias do Departamento de
História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na
preparação do presente Livro de Homenagem.

As cartas do humanista Nicolau Clenardo sobre Portugal

Jeroen Dewulf *

Uma cias testemunhas mais importantes da situação que se vivia em Portugal em princípios do século XVI são as cartas do humanista flamengo Nicolau Clenardo. Pretendo, neste trabalho, apresentar Clenardo. Em seguida analisarei a imagem de Portugal com base nas suas cartas. Concluirei por fazer a crítica do trabalho do Dr. M. Gonçalves Cerejeira, comparando a sua opinião com a de M. De Jong e de Suzanne Cornil.

1. Clenardo

As primeiras relações históricas entre Portugal e a Flandres datam da época das cruzadas. Acima de tudo, elas foram de natureza militar e comercial.

Nos séculos XIII, XIV e XV, estabeleceram-se muitos mercadores portugueses na Flandres, principalmente em Bruges (Brugge) e, depois de 1500, também em Antuérpia (Antwerpen). Para esta cidade vieram especialmente viver os Marranos, judeus peninsulares compelidos a converter-se ao cristianismo, mas que, em segredo, tinham permanecido fieis às suas crenças. Ali promoveram a indústria dos diamantes.

Nos séculos XV e XVI também se registou intenso intercâmbio cultural entre Portugal e a Flandres: exportaram-se para Portugal inúmeras obras de arte flamenga, sobretudo pinturas. Além disso, muitos pintores e eruditos flamengos viajaram para Portugal. O humanista Clenardo fazia parte deste último grupo.

Nicolau Clenardo nasceu em Diest, no Brabante, a 5 de Dezembro da ano de 1493 ou 1494, duma abastada e conhecida família. Nicolau Clenardo é a forma latinizada (como era de moda fazer entre humanistas no seu tempo) do nome flamengo Nikolaas Cleynarts ou Cleynaerts.

Fez os seus estudos na Universidade de Lovaina (Leuven), onde estudou a teologia, em que se licenciou em 1519. Depois começou a ensinar o hebreu e o grego, dedicou-se à composição de gramáticas e aprendeu árabe. Em 1530-1531, fez uma viagem a Paris onde ensinou (com grande êxito) o grego e o hebreu. Paris quis retê-lo, mas Clenardo só ficou pouco tempo.

Em 1531 D. Fernando Colombo, filho de Cristóvão Colombo, trouxe Clenardo para a Espanha, pois precisava de sábios que o ajudassem na organização duma grande biblioteca em Sevilha. Para poder consultar alguns advogados, D. Fernando tinha que ir a Salamanca. Clenardo acompanhou-o e ficou lá durante dois anos, ensinando latim e grego.

Todavia, não se adaptou bem em Salamanca e aceitou o convite do rei de Portugal D. João III para ser mestre do seu irmão, o Infante D. Henrique, arcebispo de Braga. No fim do ano de 1533, Clenardo já estava em Évora. Em 1537, Clenardo parte para Braga, quando o Infante ia visitar a sua diocese.

A 12 de Agosto deste ano, Clenardo chegou a Braga. Visitou algumas vilas do Minho e

---

* Leitor de Neerlandês - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

fez uma peregrinação a Santiago de Compostela. Até Novembro de 1538, Clenardo ficou em Braga como director da nova escola de latim onde suas aulas tiveram um sucesso fabuloso.

Antes de voltar para Lovaina, partiu para Castela onde esperava encontrar um mestre árabe. Em Granada, o vice-rei D. Luís de Mendeza, comprou-lhe um escravo que lhe ia ensinar o árabe enquanto Clenardo ensinava grego ao vice-rei. Leu o Alcorão e pretendia combater o islão com as armas da inteligência, traduzindo para árabe tratados polémicos contra o islão. A fim de ter manuscritos mais interessantes, decidiu embarcar para Marrocos.

Em 1540, chega a Fez onde foi viver no bairro dos judeus. Dizia que vinha recolher manuscritos gramaticais para o ensino do árabe na Europa, mas secretamente esforçava-se por obter cópias de manuscritos religiosos. As coisas acabaram mal, pois, sem qualquer aviso, retiraram-lhe o seu mestre *árabe* e proibiram-lhe que adquirisse e trouxesse quaisquer manuscritos para a Europa. Ao mesmo tempo, a corte portuguesa abandonava-o. Provavelmente, o feitor português tinha-lhe denunciado de cumplicidade com judeus e mouros. Foi através do seu amigo João Petit, bispo de Cabo Verde, que conseguiu voltar, pobre e sem manuscritos.

A 8 de Setembro de 1541, chegou à Europa. Vendeu tudo que tinha para poder voltar novamente a Fez. Todavia, pouco tempo depois (em Setembro de 1542) morreu em Granada onde foi enterrado na Alhambra.

2. A imagem de Portugal

As Cartas de Clenardo que vão de 1533 até 1546 são escritas em latim. Em 1926, Dr. M. Gonçalves Cerejeira publicou uma tradução para português das suas cartas.

a. Portugal:

Clenardo viveu em duas partes de Portugal, a saber no Alentejo (Évora) e no Minho (Braga). Nas suas cartas, também fala, embora muito menos, das cidades Coimbra e Lisboa e de algumas vilas ou aldeias no Minho e no Alentejo.

A sua apreciação do Minho e do Alentejo é muito diferente.
Clenardo considera o Minho uma região muito bonita :

"Não se pode negar seguramente que em toda a região desde Braga até ao rio Minho, os montes e os campos são de uma admirável beleza deleitosa, e que a água jorra por toda a parte de fontes, que só por si eram bastantes para me encantar. (Clenardo 1926:325)

Todavia, prefere a Galiza. Não porque seria mais bonita, mas porque a comida e o conforto lhe agradam mais:

"Certo é que o vinho, o pão, a carne, tudo aquilo enfim que convém a viajantes cansados, se encontra na Galiza muito melhor que em Portugal. (Clenardo 1926:325)

Do Alentejo, Clenardo não gosta nem um pouco. Na sua opinião, o Alentejo é um autêntico inferno. As razões deste seu ódio em relação ao Alentejo são várias:

- o calor e a seca:

"No mês de Julho tudo aqui fica abrasado e a tal ponto, que na cidade inteira dificilmente se encontra um poço que não seque completamente. Para se não morrer à sede, é necessário mandar fora buscar água antes do romper de alva. (Clenardo 1926: 283)

- a preguiça dos alentejanos: (vide infra)

- a rudez dos alentejanos:

"Havia ali só uma estalagem. Dirigi-me ao dono: Olá estaladeiro, cá há palha? Mas o raio do Polifemo continuou a passear e não se dignou de responder uma palavra sequer. Enfim, lá respondeu a custo e de muito mau modo: Não sei. (Clenardo 1926:389)

- a má qualidade das hospedarias:

"Antes de entrarmos no tal sertão, chegámos já por horas mortas a uma hospedaria, mas que hospedaria, Senhores!, só ela de per si era suficiente para fazer expiar a Erasmo o ter coberto de descrédito a Alemanha por causa das suas estalagens. (Clenardo 1926:388)

- a abundância de escravos:

"Mal pus pé em Évora, julguei-me transportado a uma cidade do inferno: por toda a parte topava negros. (Clenardo 1926:278)

É notório que Clenardo sempre gosta mais de tudo que seja parecido com a Flandres. No Minho, faz constantemente comparações com a sua pátria: "Depois partimos para Barcelos. Ao ver a humildade da terra, não pude deixar de estabelecer o paralelo entre o Duque de Brabante e o Duque de Barcelos. (Clenardo 1926:327) O Alentejo, pelo contrário, costuma ser comparado com a África (vide infra).

b. os portugueses:

Falando sobre os portugueses, Clenardo sublinha três aspectos dominantes: a preguiça, a vaidade e a devassidão.

- a preguiça:

Na opinião de Clenardo, os portugueses são o povo mais preguiçoso do mundo. Os alentejanos são ainda pior do que os outros, pois ele considera o Alentejo praticamente como uma região africana:

"Se há algum povo dado à preguiça, sem ser o português, então não sei eu onde ele exista. Falo sobretudo daqueles que habitam além do Tejo, e que respiram de mais perto o ar de África. (Clenardo 1926:271)

Segundo Clenardo, os portugueses querem sempre trabalhar o menos possível: "Em Portugal, todos somos nobres, e tem-se como uma grande desonra exercer alguma profissão. (Clenardo 1926:273)

O resultado é que a agricultura se arrasta miseravelmente e que há uma grande falta de artífices: "Se algures a agricultura foi tida em desprezo, é incontestavelmente em Portugal. (Clenardo 1926:271)

"Aqui não há grande abundância de artífices, e não é costume que eles ofereçam as suas mercadorias. (Clenardo 1926:273)

Para sustentar a economia, os portugueses precisam de artífices estrangeiros e de escravos: "Se uma grande quantidade de estrangeiros e de compatriotas nossos não exercessem cá as artes mecânicas, creio bem que mal teríamos sapateiros ou barbeiros. (Clenardo 1926:271)

"Os escravos pulam por toda a parte. Todo o serviço é feito por negros e mouros cativos. Portugal está a abarrotar com essa raça de gente. Estou a crer que em Lisboa os escravos e as escravas são mais que os portugueses livres de condição (Clenardo 1926:273)

Até há portugueses que criam escravos para eles fazerem bons lucros com a venda dos filhos nascidos em casa:

"Chega-me a parecer que os criam como quem cria pombas para levar ao mercado. Longe de se ofenderem com as ribaldias das escravas, estimam até que tal suceda, porque o fruto segue a condição do ventre. (Clenardo 1926:274)

- a vaidade:

Nas suas cartas, Clenardo sublinha que os portugueses não só detestam o trabalho, como também querem viver como grandes senhores. Na sua opinião, o português vive para o público, faustosamente:

"Há aqui uma chusma desses faustosos, que trazem todavia pela rua atrás de si maior número de criados do que de reais gastam em casa. (Clenardo 1926:279)

Para poderem viver desta maneira, os portugueses às vezes até passam fome:

"Se quisesse condescender com os costumes desta terra, começaria por sustentar uma mula e quatro lacaios. Mas como seria possível? Jejuando em casa, enquanto brilhava fora como um triunfador. (Clenardo 1926:279)

- a devassidão:

Segundo Clenardo, os portugueses são, para além de serem preguiçosos e vaidosos, devassados:

"Vénus, em toda a Espanha, tem culto público não menos que outrora em Tebas, e mormente em Portugal então, onde creio que seria uma coisa extraordinária ver um mancebo contrair uma ligação legítima. (Clenardo 1926:274)

Clenardo insiste que todos os portugueses acabam por se comportar dessa maneira, há somente uma importante excepção: a corte portuguesa.

"Nem a nobreza da sua origem, nem a sua alta hierarquia, nem as riquezas o impediram de se dedicar ao estudo. Que, apesar da púrpura, os filhos del-rei D. Manuel vivem tão modestamente, que mal excedem em grandeza aos homens do povo. (Clenardo 1926:382)

c. a vida em Portugal:

Clenardo queixa-se muitas vezes da carestia da vida em Portugal. Embora ganhe o dobro do que lhe dava a sua pátria, não tinha que encarecer excessivamente essa quantia.

"Não há terra onde todas as coisas sejam tão caras; não direi sequer que um thaler do Reno em Lovaina vale mais do que um ducado de oiro aqui em Portugal. (Clenardo 1926:271)

Para poder explicar melhor, Clenardo dá o exemplo do custo da barba:

"Que diria, santo Deus!, o meu tio, o recebedor de Diest, se eu lhe fosse pedir para tratar da barba uma renda anual de quinze florins, - quantia que excede o património de muito boa gente! E não obstante, tenho vivido assim há perto dum ano. Se eu oferecer menos, o homem da navalha não voltará, e (o que vos ajuda melhor a conhecer estas criaturas) não voltará ainda que se insiste com ele. (Clenardo 1926:272)

d. os'flamengos em Portugal:

Clenardo refere-se algumas vezes a compatriotas seus que vivem em Portugal. Em Portugal, não se pode viver como na Flandres. Em Salamanca, ainda dava mais ou menos, mas em Portugal, um flamengo não tem outra hipótese senão adaptar-se:

"O género de vida que eu lá levava, embora fosse totalmente diferente do nosso, parece-me agora a própria felicidade, em comparação com o que se leva em Portugal. Em Salamanca há pelo menos abundância de tudo e pode-se pôr casa à moda de Brabante. (Clenardo 1926:278)

"De todos quantos aqui vem parar, uns [...] deixar-se-iam mais depressa arrastar até ao fim do mundo, a voltar a sua terra; outros, não tendo nem sequer esperança de regresso [...] deixando-se cativar com as seduções dos costumes portugueses, entregam-se ao prazer e à desordem; aqueles perdem o hábito do seu bem-estar doméstico, e acostumam-se a suportar a miséria e os incómodos desta sua nova existência. (Clenardo 1926:274-275)

"Os nossos próprios compatriotas [...] armam logo em fidalgos: envergonham-se já de trazer a carne do açougue ou de mostrar que se sabem servir das mãos. (Clenardo 1926:280)

3. *M. Gonçalves Cerejeira:*

Dr. M. Gonçalves Cerejeira, para além de traduzir as Cartas do latim para português, também as analisou. Não desfazendo o valor do análise do Dr. Cerejeira, parece-me que a sua opinião sobre a Flandres, sobre Clenardo e sobre o valor histórico das Cartas em algumas partes está susceptível a alguma crítica.

a. a Flandres:

Para compreender melhor o erro que cometeu Cerejeira relativamente à Flandres, é necessário explicar brevemente a situação da Flandres em princípios do século XVI.

Em primeiro lugar é importante esclarecer alguns termos.

A Flandres no tempo de Clenardo não era a mesma coisa como a Flandres actual. Em princípios do século XVI, a Flandres, integrada nos Países-Baixos, fazia parte do Império de Carlos Quinto. A Flandres abrangia somente as actuais províncias Flandres Ocidental (West-Vlaanderen) + Flandres Oriental (Oost-Vlaanderen) e as regiões Flandres Zelândesa (Zeeuws-Vlaanderen) e Flandres Francesa (Frans-Vlaanderen).

Uma outra parte dos Países-Baixos era o Brabante, que abrangia as actuais províncias Brabante Flamengo (Vlaams-Brabant), Brabante Valão (Waals-Brabant), Antuérpia (Antwerpen) e Brabante do Norte (Noord-Brabant).

Diest, onde nasceu Clenardo, e Lovaina, onde estudou, ficavam no Brabante. Portanto, Clenardo era brabantão, não era flamengo. Assim pode-se compreender a frase "Um deles é meu patrício, não do Brabante mas da Flandres. (Clenardo 1926:354)

Tal como a Flandres e o Brabante, a Holanda era uma parte dos Países-Baixos; abrangia somente as actuais províncias Holanda do Norte (Noord-Holland) e Holanda do Sul (Zuid-Holland). Guilherme, o criado de Clenardo, era holandês, não era flamengo. Deste maneira compreende-se a frase: "Os dentes comiam-lhes, ao holandês Guilherme como a Clenardo do Brabante. (Clenardo 1926:391)

Todavia, às vezes, Clenardo chama o Guilherme "meu compatriota" e refere-se à Flandres com a palavra "minha pátria". É que, já no tempo de Clenardo, os Países-Baixos faziam uma união dentro do Império de Carlos V. Como a Flandres era uma das regiões mais importante, usava-se às vezes o termo "Flandres" para indicar os Países-Baixos e "flamengo" para habitante dos Países-Baixos.

Hoje em dia a Flandres politicamente já não faz parte dos Países-Baixos. Os Países-Baixos são um país independente (que em Portugal, erradamente, costuma ainda ser chamado "Holanda"), enquanto a Flandres é uma região autónoma da Bélgica, onde a língua oficial é o neerlandês. Actualmente, Diest e Lovaina ficam, de facto, na Flandres. Portanto, não me parece ser um erro dizer que Clenardo é flamengo.

No tempo de Clenardo, a Flandres estava em crise. Havia grandes problemas na indústria têxtil, desde sempre ligada às cidades de Bruges (Brugge) e Gande (Gent). O Brabante pelo contrário começou a tornar-se cada vez mais o novo centro dos Países-Baixos. As cidades desta região transformaram-se em centros de viva actividade:

"Dans le lóième siècle, Anvers a remplacé Bruges dont le port s'ensablait, comme metrópole commerciale des Pays-Bas; 1'opulente bourgeoisie anversoise entretient des rapports commerciaux avec les pays occidentaux et particulièrement avec le Portugal qui y erige une somptueuse "Casa de Portugal". Plusieurs "feitores" s'y succédèrent et Damião de Gois y commença sa carrière.

Un autre pôle d'attraction des provinces belges était 1'Université catholique de Louvain, capitale du Brabant jusqu'à Ia fin du I4ième siècle. (Cornil 1984:336)

Antuérpia fomentou o fabrico de panos de panos crus ingleses e, a pouco e pouco, tomava de facto o lugar de Bruges, como porto mais importante de todos os Países-Baixos. Para além disso, o Brabante teve o apoio do imperador da casa de Habsburgo, pois lá se aceitava a política centralista de Carlos V enquanto a Flandres continuava a rejeitar o poder central.

Todavia, esta nova expansão dos Países-Baixos partindo do Brabante estava fortemente ameaçada pela pobreza que tinha aumentado, pela influência do protestantismo e pelo rejeito cada vez mais forte da dominação estrangeira. Tudo isto resultou em 1566 numa guerra civil contra Filipe II que provocará a separação do norte dos Países-Baixos que se tornou um país independente, enquanto o sul - a actual Bélgica - permaneceu nas mãos dos habsburgos.

Portanto, quando Cerejeira constantemente se refere à Flandres, como se fosse uma região próspera ("A estrutura social de Portugal e da sua activa e próspera Flandres são diversas", Cerejeira 1926:150; "Ele chegava de fora, do seio dum povo activo e próspero, com uma organização social diferente. Cerejeira 1926:161) trata-se de uma observação não totalmente correcta.

b. Clenardo:

Parece-me que também é preciso ler as cartas de Clenardo com um olhar crítico. Lendo a introdução da tradução de Cerejeira, parece que Clenardo teria sempre 100 % razão na sua descrição da sociedade portuguesa. Porém, parece-me que algumas das "teses" de Clenardo não têm fundamento.

Todavia, antes de entrar em polémica com Cerejeira, queria que tivéssemos em conta quatro pontos essenciais:

- Clenardo escreveu a sua famosa carta ao seu amigo Látomo no dia 26 de Março de 1535, quer dizer depois de estar em Portugal somente desde um pouco mais que um ano. Ou seja, um período claramente insuficiente para conhecer a sociedade portuguesa.

- Na altura em que escreve a Látomo, só conhecia o Alentejo (Évora), não conhecia o resto do país. Mesmo assim, fala constantemente de Portugal e dos portugueses, o que é clara mente uma generalização.

- Clenardo não falava, nem compreendia português.

- Clenardo, sendo o mestre do Infante, não podia estar habituado a ter muito contacto com o povo.

A minha crítica das Cartas é composta por cinco pontos:

- exageração:
Sempre que Clenardo compara algo com a Flandres, as coisas flamengas são melhores. Falando da economia, quase nos está a querer convencer de que são os estrangeiros (leia: flamengos) que estão a sustentar toda a economia portuguesa.

- conclusões erradas:
As facilidades de costumes como sendo uma das razões do declínio do Império Português é uma tese sem qualquer fundamento.

- generalizações:
Clenardo tem o hábito de generalizar muito facilmente. Em vez de dizer "há muitos portugueses que são assim e assim", sempre diz: "os portugueses são preguiçosos, os portugueses são vaidosos, o Alentejo não presta, etc".

- hipocrisia:
Na sua carta a Látomo, está a queixar-se dos portugueses, por causa de eles terem escravos (vide supra). Todavia, na carta a Polites (um ano e meio mais tarde) lemos o seguinte:
"Queres saber como? Neste verão passado estabeleci família, comprando dois escravos, aos quais ajuntei terceiro, há pouco." (Clenardo 1926:309)

- racismo:
Alguns trechos nas Cartas não são de maneira nenhuma "humanistas", pelo contrário, até são altamente racistas:
"Por toda a parte topava negros, raça que eu tenho uma tal aversão, que só eles por si bastariam para me fazer abalar daqui." (Clenardo 1926:278)
"Quando não estou para lhes [os seus escravos negros] dar lição, divirto-me com eles, como macacos." (Clenardo 1926:309)

c) Valor histórico das Cartas:

Na minha opinião, Cerejeira manipulou parcialmente as Cartas para a sua tese de comparação entre o decadência do Império Romano e o Império Português.
A sua análise das Cartas está cheia de frases como:
"Clenardo teve o mérito de ver, sob o esplendor das glórias, os gérmenes de ruína que continha no seu flanco a sociedade portuguesa." (Clenardo 1926:147)
Deixando ao lado a problemática actual de uma terminologia como "a decadência do nosso império", poderíamos perguntar até que ponto essa visão moralista de Cerejeira corresponde ao conteúdo das Cartas.

Em primeiro lugar temos que dizer que Clenardo nunca fez alusão nenhuma ao facto de o Império Português aparentemente estar no fim.

Além disso, as explicações de Cerejeira sobre a fidedignidade da visão de Clenardo relativamente à sociedade portuguesa não servem para sustentar a sua tese da decadência. Em princípios do século XVI havia de facto muitos escravos e artífices estrangeiros, mas isto não é o suficiente para poder falar em "decadência" dos costumes portugueses, que, segundo Cerejeira, teria provocado o fim do Império e a perda da independência.

Com António do Carmo Reis podemos dizer que os aspectos fundamentais que provocavam e condicionavam essa situação eram os seguintes:

- A vastidão do Império Português repartido pelas quatro partes do Mundo, demasiado gigante para um país tão pequeno como Portugal.
- A prática de uma política de monopólio sobre o comércio oriental que não permi tia quaisquer alternativas da iniciativa privada e proporcionava a corrupção do aparelho mercantil.
- A renitente manutenção de uma política de transporte que transformou Portugal num estado mercantil voltado prioritariamente, quase exclusivamente, para o comércio.
- Uma política de intolerância religiosa que obrigou famílias de judeus, comerciantes e capitalistas, ao abandono do país.
- A concorrência estrangeira de novas potências marítimas.

Portanto, o fim do Império Português não pode ser relacionado de uma forma tão simplista com o facto de os portugueses aparentemente serem preguiçosos, vaidosos ou devassos em princípios do século XVI. Considerar Clenardo como um "Velho do Restelo", tanto feito por Cerejeira (Cerejeira 1926:168) como por Cornil (Cornil 1984:340), não tem grande fundamento, pois a visão de Clenardo não se refere de maneira nenhuma ao fim do Império Português.

Comparando a obra de Cerejeira com dois outros estudos sobre Clenardo, encontramos opiniões muito diferentes às de Cerejeira:

Suzanne Cornil mostra, tal como Cerejeira, uma grande admiração relativamente a Clenardo. Todavia, ela tem mais cuidado:

"Tout ce que rapporte Clénard pourrait paraitre exagere, surtout quand on sait qu'il ne parlait pas portugais et n'a passe que cinq ans au Portugal. Pourtant, Ia précision das faits qu'il rapporte et 1'abondance des détails personnels qu'il cite laissent à penser que ce bon observateur a véritablement pressenti Péquilibre instable ou se trouvait le royaume et que les événements postérieurs mettront en lumière." (Cornil 1984:340)

M. De Jong pelo contrário é muito mais crítico:

"Na mesma época achamos ainda em Portugal alguns humanistas flamengos de menor importância, como Nicolau Clenardo e João Vaseu que desempenharam aqui um certo papel no ensino do latim. De Nicolau Clenardo ficam algumas cartas, em que se mostra crítico pouco indulgente e pouco simpático do país onde ensinava e que lhe dava o pão." (Jong 1936:9)

Conclusão

As Cartas de Clenardo exprimem uma visão interessante sobre a sociedade portuguesa em princípios do século XVI. Todavia, é sempre necessário que se leia tudo com um espírito aberto e crítico.

O valor das Cartas, não só está na informação que nos dão sobre Portugal; as pequenas histórias, as comparações, os diálogos e o humor dão às cartas também um certo valor literário.

A interpretação do Dr. Cerejeira é interessante, mas em algumas partes falta-lhe claramente um espírito crítico.

Bibliografia

- Clenardo por Dr. M. Gonçalves Cerejeira: *O humanismo em Portugal,* Coimbra, 1926.

- M. De Jong: *Relações literárias entre Portugal e a Holanda,* Publições do Instituto Alemão da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1936.

- Suzanne Cornil: *Humanistes belges au Portugal: Clénard et Vaseus,* Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Paris, 1984.

- António do Carmo Reis: *Nova História de Portugal,* Colecção Biblioteca de história, Editorial Notícias, Lisboa, 1990.

- O. Vandeputte/L. Crespo Fabião: *O Neerlandês: Língua de vinte milhões de holandeses e flamengos,* Stichting Ons Erfdeel, Rekkem, 1993.

- J.A. Kossmann-Putto/ E.H. Kossman: *De Lage Landen: Geschiedenis van de Noordelijke en Zuidelijke Nederlanden,* Stichting Ons Erfdeel, Rekkem, 1988.